

E assim se passaram cem anos

12/06/2014

Maria Clara Bingemer

professora do Departamento de Teologia da PUC-Rio

Estou em Sarajevo, Bósnia Herzegovina, para uma reunião de trabalho. Tivemos uma tarde livre e nos levaram para passear na cidade antiga. Ali nos mostraram uma ponte, lugar histórico onde há cem anos teve início o conflito que marcaria o século passado como o mais sangrento da história da humanidade.

Pois aqui onde estou agora, há 100 anos, no verão de 1914, uma série de eventos desencadeou um conflito global sem precedentes, que custou a vida de mais de 16 milhões de pessoas, redesenhando radicalmente os mapas da Europa e preparando o terreno para o século XX. As guerras que viriam depois, sobretudo a Segunda Guerra Mundial, com o genocídio sem precedentes do Holocausto, foram consequência desse conflito.

O conflito foi o primeiro exemplo em grande escala da guerra moderna. Tecnologias ainda vistas nas batalhas atuais e alguns recursos bélicos (como ataques químicos), mais tarde considerados crimes de guerra, ali tiveram origem. O avião, recém inventado, foi utilizado como plataforma de observação, bombardeiro e defesa antiaérea para abater inimigos.

Entre 1914 e o fim da Primeira Guerra Mundial, em 1918, mais de 65 milhões de soldados foram mobilizados em todo o mundo, exigindo grandes quantidades de suprimentos e equipamentos, e drenando cofres de vários países. O continente europeu foi levado à bancarrota.

Por que a Sérvia teria se envolvido em um conflito de tais proporções no início do século passado?

Em 1914, o Império Austro-Húngaro era grande e poderoso, maior do que a Alemanha e com uma população quase tão numerosa. Fora governado pelo Imperador Franz Joseph I desde 1848, que preparara seu sobrinho, o arquiduque Franz Ferdinand, para ocupar o trono. Em uma manhã de julho de 1914, a comitiva do arquiduque foi atacada pelo jovem Gavrilo Princip, de apenas 19 anos, integrante de um grupo de assassinos nacionalistas sérvios. A bomba danificou um carro e feriu dezenas de pessoas, mas o arquiduque não foi atingido. Porém, quando o carro parou a poucos quarteirões de distância, para que ele fosse ao hospital visitar os feridos, dois tiros foram disparados, matando Franz Ferdinand e sua esposa.

Logo após o assassinato, o Império Austro-Húngaro fez uma lista de exigências para a Sérvia: cessar toda a atividade anti-austro-húngara, dissolver determinados grupos políticos e prender os responsáveis pelo duplo assassinato. O prazo para que as exigências fossem cumpridas era de 48 horas. A Sérvia, com o apoio da Rússia, sua aliada, recusou-se a obedecer e mobilizou seu exército.

Logo depois, o Império Austro-Húngaro, apoiado pela Alemanha, declarou guerra à Sérvia em 28 de julho de 1914. Uma rede de tratados e alianças foi iniciada e em um mês a Alemanha, o Império Austro-Húngaro, Rússia, França, Grã-Bretanha e o Japão, haviam mobilizado seus exércitos e declararam guerra.

O duplo assassinato praticado por um jovem nacionalista sérvio radical deflagrou o trágico conflito que durou quatro anos. Mais de 65 milhões de soldados foram mobilizados em mais de 30 países. Batalhas ocorriam em toda parte. Com a industrialização, o mundo conheceu armas modernas, equipamentos e táticas para a guerra, que aumentaram enormemente o poder de matar.

Quase oitenta anos depois, em 1992, a Bósnia Herzegovina foi novamente destruída por uma guerra terrível, causada por uma combinação complexa de fatores políticos e religiosos: o fervor nacionalista, crises políticas, sociais e de segurança, que se seguiram ao fim da guerra fria e à queda do comunismo na antiga Iugoslávia. E também devido ao envolvimento dos países vizinhos, como a Croácia e a Sérvia e Montenegro.

Após três anos de terrível violência e mais de 200 mil vítimas, a guerra da Bósnia ainda faz sentir sua presença letal com edifícios destruídos, escassez no país e perplexidade do povo. O belo coral Pontanima, a cuja apresentação assistimos, demonstrava nas potentes e belas vozes dos habitantes desta cidade o desejo profundo de paz, que cem anos depois ainda parece tão frágil.